

**“DOIS IDEAIS EM GUERRA EM UM SÓ CORPO ESCURO”: IDENTIDADES
NEGOCIADAS EM *INFILTRADO NA KLAN***Jaine Araújo da Silva¹
Giselle Xavier D’Ávila Lucena²**RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto de estudo o filme *Infiltrado na Klan*, lançado em 2018. Dirigida por Spike Lee, a obra trata de questões raciais, focando nos Estados Unidos da América. Aqui, busca-se compreender como Lee articula as identidades — individual e social — do protagonista da trama, o primeiro policial negro de Colorado Springs, Ron Stallworth, que se infiltra na organização supremacista branca Ku Klux Klan na década de 1970. Para isso, a metodologia adotada é a Análise fílmica, a partir de Manoela Penafria (2009). Trabalham-se os conceitos de raça, racismo, e identidade individual e social com base nas considerações de Stuart Hall (2016), Lilia Schwarcz (2012), Silvio Almeida (2018), Clara Santos (2005), entre outros. Como resultado, pode-se concluir que as identidades de Ron são postas em conflito durante o filme, mas o protagonista não abre mão de nenhuma em detrimento da outra, apenas estabelece negociações entre elas. Apesar disso, é a identidade individual que dá o tom da trama, já que Ron não pode fugir da marcação racial que lhe é imposta, além de ter muito orgulho e comprometimento com o que ele chama de “meu povo”, ao referir-se aos negros. O protagonista é marcado como diferente por seus colegas policiais, mas, talvez pelo fato do filme ser dirigido por um homem negro ciente da condição social dos negros, Ron não é construído com base em estereótipos, mas como alguém fiel a seus objetivos e princípios, dotado de capacidade e inteligência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise fílmica; identidades; *Infiltrado na Klan*; polícia; negros.

**“TWO WARRING IDEALS IN ONE DARK BODY”: NEGOTIATED
IDENTITIES IN *BLACKKLANSMAN*****ABSTRACT**

The present work has as its object of study the film *BlackKlansman*, released in 2018. Directed by Spike Lee, the movie deals with racial issues, focusing on the United States of America. Here we discuss how Lee articulates the individual and social identities of the protagonist, Ron Stallworth, The Colorado Springs' first black policeman, who

¹ Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Acre (UFAC).

² Mestre em Comunicação Social - Interações Midiáticas (PUC Minas/2014). Especialista em A Moderna Educação: Metodologias, Tendências e Foco no Aluno (EAD/PUC RS/2019), e em Produção e Crítica Cultural (PUC Minas/2011); Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFAC/2009). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre.

infiltrates the white supremacist organization Ku Klux Klan in the 1970s. The methodology adopted is the film analysis, based on Manoela Penafria (2009). The concepts of race, racism, and individual/social identity are based on Stuart Hall (2016), Lilia Schwarcz (2012), Silvio Almeida (2018), Clara Santos (2005), among others. As a result, it can be concluded that Ron's identities are conflicted during the film, but the protagonist does not give up one over the other, only establishes negotiations between them. Nevertheless, it is the individual identity that sets the plot's tone, as Ron cannot escape the racial imprint imposed on him and is very proud and committed to what he calls "my people" when referring to black people. The protagonist is treated differently by his fellow police officers, but, perhaps because the film is directed by a black man aware of black social status, Ron is not built on stereotypes, but as someone true to his goals and principles, endowed with ability and intelligence.

KEYWORDS: Film analysis; Identities; BlacKkKlansman; Police; Black

INTRODUÇÃO

Infiltrado na Klan, em inglês *BlacKkKlansman*, é um filme que aborda a temática racial e tem como base uma obra autobiográfica referente aos anos 1970, o livro "*Infiltrado na Klan*"³. Dirigido por Spike Lee, o filme tem como protagonista Ron Stallworth, um policial negro que, novato na profissão, se infiltra na organização supremacista branca Ku Klux Klan (KKK) a fim de investigar seus integrantes e evitar uma série de ataques a pessoas negras.

Além de usar imagens ficcionais construídas para retratar o que teria acontecido na década de 1970, o filme finaliza direcionado aos tempos atuais com cenas da marcha *Unite the right* organizada pela extrema direita dos Estados Unidos na cidade Charlottesville, em 2017, durante a qual centenas de homens e mulheres caminharam "carregando tochas, fazendo saudações nazistas e gritando palavras de ordem contra negros, imigrantes, homossexuais e judeus" (SENRA, 2017, online).

Também é colocado, ao final do filme, o pronunciamento de Donald Trump a respeito deste episódio, no qual ele diz "Nem todas aquelas pessoas eram neonazistas, acreditem em mim. Nem todas aquelas pessoas eram supremacistas brancos. Também havia pessoas que eram muito boas"⁴ (*Infiltrado na Klan*, 2018). Por fim, apresenta-se a fala de David Duke, o líder da KKK: "acredito que hoje em Charlottesville, é o primeiro

³ STALLWORTH, Ron. **Infiltrado na klan**. Tradução Jacqueline Damásio Valpassos. – São Paulo: Seoman, 2018.

⁴ Fala original: "Not all of those people were neo-Nazis, believe me. Not all of those people were white supremacists. You also had people that were very fine people". (BLACKKKLANSMAN, 2018)

passo para perceber algo que Trump alertou no início da campanha. Esse é o primeiro passo para retomar os Estados Unidos”⁵.

Infiltrado na Klan faz uso do humor para levantar questões dolorosas e, também por isso, na maioria das vezes ignoradas. Porém, mostra como o contexto atual não é tão diferente quase 50 anos depois. Tendo isso em vista, este trabalho busca compreender como Lee constrói as identidades de Ron Stallworth, o protagonista do filme, interpretado por John David Washington. Como hipótese, supõe-se que Lee enfatiza a dualidade existente entre as duas principais identidades de Ron: o ser negro, identidade pessoal/individual, e o ser policial, identidade profissional/social. Na relação, a identidade pessoal/individual se sobressai.

O aporte teórico baseia-se nas ideias de Stuart Hall (2006), Kathryn Woodward (2012), Clara Santos (2005), Kabengele Munanga (2003), Lilia Schwarcz (2012), Manoela Penafria (2009), entre outros. A pesquisa se justifica, pois considera-se o cinema como um importante veículo de construção narrativa. Além disso, o filme *Infiltrado na Klan* é entendido como um produto útil para analisar as questões raciais, focadas na situação contemporânea do negro norte-americano, sob uma perspectiva social.

Para a realização da pesquisa faz-se uma análise fílmica. Conforme Manoela Penafria (2009), a análise de filmes existe desde que as primeiras projeções de imagens em movimento foram feitas. Tal análise deve ser realizada com base em objetivos estabelecidos previamente. Aqui, o objetivo principal é perceber e discutir os momentos em que as identidades do protagonista são colocadas em jogo e questionadas, sobretudo por outras pessoas.

Uma das possibilidades de análise fílmica é a textual. Decorrente da vertente estruturalista das décadas de 1960/1970, este tipo de análise busca “decompor um filme dando conta da estrutura do mesmo” (PENAFRIA, 2009, p. 5), a partir da divisão do filme em segmentos. No caso da obra em questão, opta-se por fazer uma análise interna, caracterizada quando:

⁵ Fala original: “Because I believe that today in Charlottesville, this is a first step toward making a realization of something that Trump alluded to earlier in the campaign, which is... This is the first step toward taking America back”. (BLACKKKLANSMAN, 2018)

centra-se no filme em si enquanto obra individual e possuidora de singularidades que apenas a si dizem respeito. Se a análise é feita a um único filme é sempre possível analisá-lo tendo em conta a filmografia do seu realizador de modo a identificar procedimentos presentes nos filmes, ou seja, identificar o estilo desse realizador. (PENAFRIA, 2009, p. 7)

Considerando a trajetória do “realizador”, nas palavras da autora, percebe-se que, desde o início de sua trajetória artística, o diretor do filme tem consciência das questões raciais focadas no negro norte-americano e utiliza a visibilidade conseguida ao longo das décadas, para gerar questionamentos sobre a atual situação destes sujeitos.

Shelton Jackson Lee nasceu em 20 de março de 1957, em Atlanta, nos Estados Unidos. Conhecido mundialmente como Spike Lee, o ator, escritor e diretor tem como principal temática abordada em seus filmes a questão do negro, especificamente do negro norte-americano. Algumas de suas obras mais conhecidas são: Ela Quer Tudo (*She's gotta have it*, 1986); Faça a coisa certa (*Do the Right Thing*, 1989), pela qual ganhou o Oscar de melhor argumento original; Mais e melhores blues (*Mo Better Blues*, 1990); O plano perfeito (*Inside Man*, 2006); Malcolm X (Malcom X, 1992); Quatro meninas – uma história real (*4 Little girls*, 1997), que recebeu a estatueta de melhor documentário; e, mais recentemente, Infiltrado na Klan (*BlacKkKlansman*, 2018), premiado como melhor roteiro adaptado.

Spike Lee não compareceu à cerimônia do Oscar em 2016, à qual fez uma crítica relacionada à ausência de negros nas concorrências aos prêmios, especialmente aos relacionados à atuação: “Como é possível pelo segundo ano consecutivo todos os 20 candidatos na categoria de ator serem brancos? E não vamos nem entrar em outros ramos. Quarenta atores brancos em dois anos e nenhuma personalidade. Não podemos atuar?!”, questionou Lee, conforme Aguiar (2016, online).

Como característica pessoal, Lee expõe críticas também em seus discursos, caso de quando ganhou o Oscar em 2019: “A eleição está logo ali na esquina. Vamos todos nos mobilizar. Vamos todos ficar do lado certo da história. Fazer a escolha moral do amor contra o ódio. Vamos fazer a coisa certa!”, disse o autor, fazendo uma crítica ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (ARGEMON, 2019, online).

Conforme Douglas Kellner (2001), por meio de suas obras, Lee expõe o desejo de alcançar transformação, por meio de efeitos morais e políticos: “seus filmes dão

ênfase à especificidade da opressão e da resistência dos negros e apresentam o estilo cultural e a identidade distintiva como componentes-chave de uma política identitária centrada na afirmação do orgulho negro e da positividade da cultura negra” (KELLNER, 2001, p. 220).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEGRO NO CINEMA ESTADUNIDENSE

É importante frisar que para negros contarem suas próprias histórias no cinema, um longo percurso histórico foi necessário. Já que o racismo tem influência na vida social e na cultura, inclusive o cinema tem a possibilidade de reproduzir tal sistema ideológico. O filme *O nascimento de uma nação* (1915) encarregou-se de introduzir uma série de estereótipos sobre os negros no cinema. Dirigido por David Llewelyn Wark Griffiths, considerado um dos criadores do cinema, e marcado o nascimento da sétima arte,

o filme contou a história do “nascimento da nação norte-americana” — identificando a salvação da pátria com o “nascimento da Ku Klux Klan”, o grupo secreto de irmãos brancos com capuzes alvos e cruzeiros em chamas, “defensores das mulheres brancas, da glória e da honra branca” (HALL, 2016, p. 178-179).

A obra mostra os integrantes da organização afugentando os negros em uma caçada que “restaura ao Sul tudo o que ele havia perdido, inclusive sua supremacia branca” (BOGLE, 1973 *apud* HALL, 2016, p. 179).

Conforme Hall (2016) as marcações estereotipadas relacionadas à escravidão de negros nunca desapareceram por completo. Durante a década de 1950, a questão racial começou a ser abordada como um problema, mas ainda de forma limitada, “a partir da perspectiva liberal dos brancos” (HALL, 2016, p. 180). Somente depois da década seguinte, como fruto das mudanças ligadas aos movimentos por direitos civis e do fim da segregação no Sul dos Estados Unidos, os negros começaram a ser retratados de modos diferentes no cinema estadunidense.

Este movimento, segundo Hall (2016), foi ainda mais estimulado nas décadas de 1980 e 1990, quando houve a expansão de guetos e o crescimento de uma subclasse negra, o que gerou uma série de problemas de saúde, criminalização etc. “Isso, no

entanto, veio acompanhado pelo crescimento de uma autoconfiança afirmativa e por uma insistência pelo ‘respeito’ à identidade cultural negra [...]” (HALL, 2016, p. 189).

O autor destaca que as práticas de representação racial foram alteradas partindo dessas mudanças sociais. A representação, para Hall (2016), “tornou-se uma arena crítica de contestação e luta” (HALL, 2016, p. 189). Na visão do autor, cineastas independentes como Spike Lee foram agentes de mudança do ambiente cinematográfico no que diz respeito ao protagonismo e à construção e contação de histórias de negros por negros ainda nas décadas de 1980 e 1990.

O filme aqui analisado tem como protagonista um homem negro que sofre racismo na instituição para a qual trabalha, mas mesmo assim não se mostra resignado, ao contrário, demonstra disposição para lutar por seus objetivos, por aquilo que considera correto tendo como base sua identidade pessoal, como comprova a análise feita a seguir. A obra tem também traços de humor — sobretudo nos momentos em que Ron se passa por branco e nos que tem contato direto com os integrantes da KKK — misturados a drama, já que o protagonista e seu cúmplice estão constantemente correndo risco de morte. Entretanto, percebe-se que o papel do protagonista nada tem a ver com construções estereotipadas que marcam os negros como inferiores, menos inteligentes ou sujeitos infantilizados.

ENTRE UMA COISA E OUTRA: IDENTIDADE PESSOAL E SOCIAL

Para Stuart Hall (2006), o sujeito pós-moderno é conceitualizado como alguém que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). O autor defende a existência de processos de identificação aos quais todos os indivíduos estão sujeitos. Por meio desses processos, os indivíduos projetam suas identidades culturais, de modo “mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12). Ou seja, são processos de negociação e ajustes de identidades, de modo que, em diferentes momentos, podem ser acionadas diferentes identidades, por vezes contraditórias ou incoerentes.

Clara Santos (2005), por sua vez, observa que “a identidade pessoal tem de ser reconhecida e confirmada pelos outros” (SANTOS, 2005, p. 123), o que confirma que as identidades são mutáveis, sendo possível inclusive que o sujeito negue as identidades a ele atribuídas por terceiros. A autora acrescenta a essa capacidade de mudança a relação direta entre a identidade pessoal e as alterações de relações sociais às quais todo indivíduo está sujeito, de modo que a identidade pessoal “muda de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos ligados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações identitárias” (SANTOS, 2005, p. 123).

Para a autora, a constituição da identidade se dá de modo dinâmico, interligando e relacionando características individuais e estruturas sociais: “a construção da identidade pessoal aparece, assim, definida como um locus de influência psico e sociocultural que recebe e organiza as diversas mensagens transmitidas pelos diversos contextos e suas sobreposições” (SANTOS, 2005, p. 125).

Kathryn Woodward (2012) defende que a identidade também está vinculada a condições sociais e materiais: “se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2012, p. 14). Em outras palavras, assumir identidades tem consequências no campo material. A autora ressalta a importância dos aspectos simbólicos e sociais para a manutenção das identidades. Para ela, no campo simbólico, as práticas e relações sociais recebem significados, definindo quem deve ser incluído ou excluído. A partir dessa diferenciação, as relações sociais são vividas.

Assim como Hall (2006), Woodward (2012) considera que no interior das identidades pode haver contradições e estas devem ser negociadas. A autora afirma que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2012, p. 18). Dito de outro modo, os discursos e as construções feitas culturalmente têm o poder de determinar quais as formas possíveis de existir, de ser, de se portar, o que é ou não aceitável e, conseqüentemente, definir quem é ou não pertencente a determinado grupo. A identidade e a diferença resultam de processos de produção simbólica e discursiva, elas são impostas e disputadas (SILVA, 2012).

O “outro” é construído a partir da identidade do “eu”. A demarcação entre “nós” e “eles” diz respeito ao processo de classificação, que media toda a vida social:

As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2012, p. 82)

Conforme o autor, as relações de identidade e diferença são baseadas em oposições binárias, de modo que um extremo é exaltado e o outro, negativado. É isso o que acontece com a relação “negro/branco”, por exemplo. A raça pode ser tida como um marcador de identidade à medida que, a partir dela, os sujeitos se posicionam e são marcados como normais ou como diferentes, tanto individual quanto coletivamente. Para Lilia Schwarcz (2012), a raça é também um marcador social da diferença, de modo que quem é marcado como diferente a partir da raça recebe implicações materiais em sua vida.

Como exemplo desse processo, existe o racismo. O conceito diz respeito a uma “tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas” (MUNANGA, 2003, p. 08). Para o racista, a raça indica “um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence” (MUNANGA, 2003, p. 08). Percebe-se no filme analisado que tal marcação se faz constante na trajetória do protagonista. Na narrativa, ele é marcado como diferente de seus colegas de trabalho — brancos — e considerado inferior e não-humano pelos supremacistas brancos que integram a Ku Klux Klan.

NEGRO, SIM! POLICIAL, TAMBÉM: RON STALLWORTH COMO POLICIAL INFILTRADO

Em *Infiltrado na Klan*, Ron Stallworth carrega o posto de primeiro policial negro do Departamento de Polícia de Colorado Springs, na década de 1970, e sofre racismo por parte de seus colegas de farda. Logo nas primeiras cenas (Figura 1), é possível observar a estranheza dos olhares de todos os outros policiais com a sua chegada, e, ainda mais, com sua atitude, considerada ousada, de pedir para se infiltrar na

Ku Klux Klan (KKK), organização de supremacistas brancos mais famosa dos EUA, conhecida por seus atos racistas.



Figura 1. À direita, Sargento Trap (Ken Garito) dando uma resposta negativa ao pedido de Ron. Ao lado dele, Chefe Brigdes (Robert John Burke).

Após a persistência de Ron para investigar a KKK, ele recebe uma ligação do Chefe Brigdes. Chegando no trabalho, Ron continua sendo ridicularizado pelos colegas e recebe a missão de participar, à paisana, de uma reunião da União Estudantil Negra. No encontro, aconteceria um discurso de Stokely Carmichael, considerado por Brigdes um radical negro e possível oficial de alto escalão dos Panteras Negras. Este grupo que surgiu na década de 1960, no Estados Unidos, com o intuito de patrulhar as áreas habitadas por negros e resguardá-los da violência policial. Formado por negros, o grupo defendia a resistência armada e logo iniciaram-se conflitos com a polícia, resultando em mortes de policiais e “panteras” (NAVARRO, 2019, online).

Para Brigdes, “os Panteras Negras são a maior ameaça interna à segurança dos Estados Unidos” (Infiltrado na Klan, 2018). Esta é uma referência exata à fala do chefe do FBI, em 1968, apresentada por Roberto Navarro (2019, online). Na cena fica evidente o uso que o superior de Ron faz de sua aparência, ou seja, neste momento era útil e proveitoso ter Ron como integrante da polícia, já que, como homem jovem e negro, ele teria sucesso na infiltração no meio de estudantes negros (Figura 2).



Figura 2. Chefe Brigdes designando Ron para a missão de se infiltrar no encontro de estudantes negros para sondar o discurso e as reações estudantis e, posteriormente, tomar providências a fim de evitar que as ideias de Carmichael influenciassem “os bons negros” de Colorado Springs.

Já no momento da reunião, Stokely Carmichael é apresentado como Kwame Ture, nome africano adotado por ele. Para os estudantes, Ture é um dos líderes da luta pelos direitos civis dos negros que, inclusive, denuncia os abusos policiais. Fica evidente o desconforto sentido por Ron, já percebendo o peso de carregar a dualidade de ser um policial negro. Por um lado, é obrigado a manter a objetividade no serviço para o qual fora designado: infiltrar-se no grupo de estudantes para proporcionar escuta do discurso de Kwame Ture e das reações dos estudantes aos policiais que, conseqüentemente, iriam reprimir e punir a organização, vista como ligada aos Panteras Negras, considerados pela polícia a maior ameaça aos Estados Unidos.

Por outro lado, diante da vivacidade e assertividade do orador, e da reação das pessoas ao redor, Ron (Figura 3) demonstra-se tentado a expressar sua concordância com as falas de Kwame Ture, que gritava palavras de ordem como “Todo poder para todas as pessoas!” (INFILTRANDO NA KLAN, 2018) e exaltava as características físicas de pessoas negras dizendo: “Nossos lábios são grossos. Nossos narizes são largos. Nosso cabelo é cheio. Somos negros e somos lindos!” (INFILTRANDO NA KLAN, 2018). No final da cena ele se rende ao discurso do “irmão”, juntando-se ao coro repetido por todos os negros ali presentes.



Figura 3. Ron Stallworth pronunciando a frase junto a todos os negros.

Santos (2005) argumenta que por mais que a construção da identidade social seja um processo fluido, deve existir sempre uma identidade individual que regerá todas as outras identidades: “é necessário ter em linha de conta a matriz, a identidade, o cunho pessoal que define a individualidade do sujeito, sendo como tal efêmera, pode ir e vir, permanecendo, todavia a identidade individual que é a base onde todas as identidades sociais enraízam” (SANTOS, 2005, p. 126). Tanto nesta cena quanto em outras ao longo do filme, é possível perceber que a identidade de Ron enquanto homem negro — por consequência, sujeito a opressões do Estado, como a violência policial — se sobressai.

Algumas cenas depois, ao ler jornais, Ron encontra o contato telefônico da Ku Klux Klan de Colorado Springs. Imediatamente, deixa um recado na secretária eletrônica e, em segundos, recebe uma ligação da KKK. Ron inicia uma conversa com Walter, líder da organização local, e causa surpresa em seus colegas policiais ao pronunciar frases como “Já que perguntou, odeio crioulos” (Figura 4):



Figura 4. Primeira conversa de Ron com Walter, líder da KKK em Colorado Springs.

Por conseguir estabelecer uma conexão e bastante diálogo com o líder da Klan em Colorado Springs, Ron é convidado para encontrá-lo pessoalmente (Figura 5).



Figura 5. Na primeira conversa que tem com Ron, Walter já o convida para encontrar os integrantes da Klan pessoalmente.

Após o convite, Ron sugere ao seu superior mandar um policial branco em seu lugar para os encontros, já que ele não poderia ir por ser negro. Enquanto isso, continuaria conversando com os integrantes da Ku Klux Klan por telefone. Chefe Bridges, mais uma vez, expressa um pensamento que marca Ron como diferente, dizendo que os integrantes da organização logo perceberiam a diferença entre a forma de falar de Ron e a de outro policial, somente por causa da diferença racial existente entre os dois (Figura 6).



Figura 6. Chefe Brigdes explicando a Ron que os negros falam completamente diferentes dos brancos. Stallworth rebate as falas do chefe com argumentos e consegue convencê-lo, mas sob a ameaça de não existir nenhum Ron Stallworth caso o policial branco seja descoberto pela Klan.

Flip Zimmerman (Adam Driver) é designado para a missão de se passar por Ron (Figura 7). Flip é um policial de origem judaica – um povo imigrante e racializado, logo, também odiado pela Klan –, apesar disso, é lido socialmente como branco, principalmente por ter pele clara e cabelos lisos. Ao contrário de Ron, Flip não tem traços fenotípicos capazes de denunciar sua raça. Semelhante a Ron, Flip tem suas identidades confrontadas. Porém, difere-se do protagonista ao passo que nega, em grande medida, sua identidade judaica.

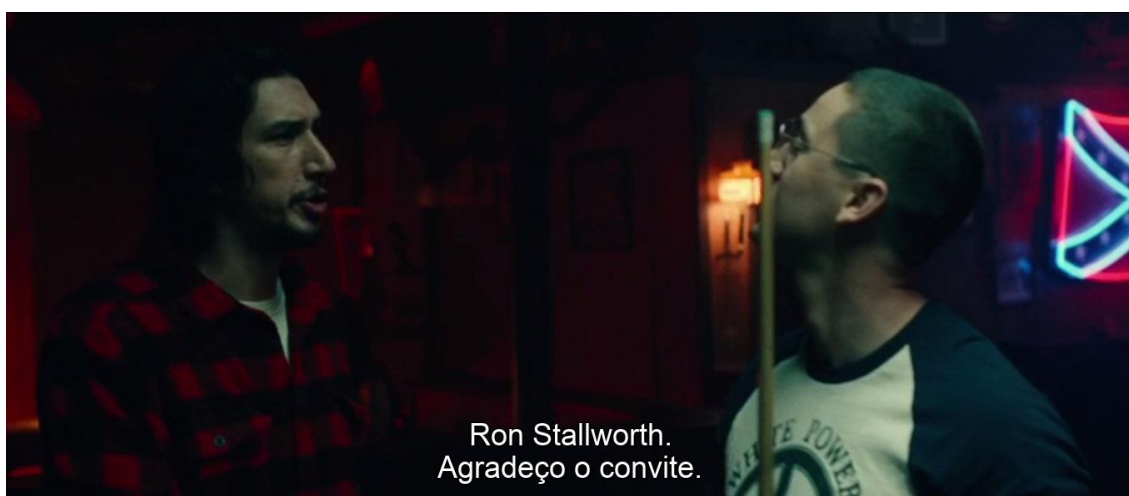


Figura 7. Primeiro encontro de Flip — se passando por Ron — com Walter, líder da KKK em Colorado Springs.

Depois de arriscar sua vida e a de Flip ao ser alvo de tiros dos integrantes da Klan no segundo encontro de Flip com os integrantes da organização, Ron tem a pretensiosa ideia de enviar o colega para uma cruzada. Para que isso aconteça, Flip precisa de um cartão de membro da Ku Klux Klan. Então, Ron faz uma ligação e começa a conversar por telefone com o diretor nacional da KKK, David Duke (Topher Grace). Ron permanece utilizando sua retórica a favor de seu trabalho, desta vez para bajular o líder máximo da Klan, mas em certo momento comete uma espécie de ato falho ao dizer que considera Duke “um verdadeiro herói americano branco”, ao que Duke questiona intrigado: “Existe algum outro tipo?” (INFILTRADO NA KLAN, 2018).

Outro momento em que o conflito de identidades acontece é no diálogo entre Ron e Patrice (Laura Harrier), líder da União Estudantil Negra – e também seu par romântico (Figura 8). Quando ainda não tinha conhecimento da identidade policial de Ron, a personagem tece um comentário defendendo que o “ser negro” deve prevalecer sobre qualquer outra identidade. Conforme Patrice, “na vida real, os policiais matam os negros [...] não é possível mudar as coisas de dentro [da polícia]. É um sistema racista” (INFILTRADO NA KLAN, 2018). A personagem levanta uma discussão sobre a dualidade de ser americano e negro. Para isso, cita a Teoria da Dupla Consciência, elaborada pelo sociólogo, historiador e ativista William Edward Burghardt Du Bois. Para o autor, o sujeito negro

encontra-se dividido entre as afirmações de particularidade racial e o apelo aos universais modernos que transcendem a raça. No seu quadro de análise a dupla consciência emerge das experiências de deslocamento e reterritorialização das populações negras, que acabam redefinindo o sentimento de pertença (SANTOS, 2001, online).

Du Bois “aspirava dar às experiências pós-escravidão, particulares dos negros ocidentais, uma significação mundial” (GILROY, 2012, p. 247) no livro *The Souls of Black Folk*. Conforme Paul Gilroy (2012), a dupla consciência surge da junção de três modos de pensar, ser e ver:

O primeiro é racialmente particularista, o segundo, nacionalista, porque deriva mais do estado-nação, no qual se encontram os ex-escravos, mas ainda não cidadãos, do que de sua aspiração por um estado-nação próprio. O

terceiro é diaspórico ou hemisférico, às vezes global e ocasionalmente universalista (GILROY, 2012, p. 249).

O comentário de Patrice também dialoga com a discussão apresentada por Hall: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).



Figura 8. Patrice argumentando que essa guerra interna não deveria existir, que eles deveriam ser apenas negros.⁶

Já no final do filme, ao tentar impedir que Connie (Ashlie Atkinson), esposa de um dos integrantes da KKK local, explodisse uma bomba matando Patrice, Ron é detido por policiais brancos que aparecem na hora (Figura 9). Mesmo já estando rendido, com as mãos para cima e repetindo inúmeras vezes ser um policial infiltrado, os colegas simplesmente o ignoram, apontando armas em sua direção, enquanto Connie grita que ele tentou estuprá-la, sendo considerada a vítima da situação.

Esta cena evidencia como, embora estivesse tendo uma boa atuação em seu trabalho como investigador infiltrado, o fato de Ron ser negro continuava acarretando a

⁶ A fala de Patrice tem relação com o seguinte trecho do livro *The Souls of Black Folk*: “Todos sentem alguma vez sua dualidade — um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz é apenas o que a impede de dilacerar (DU BOIS, 1903 *apud* GILROY, 2012, p. 248)

ele uma situação de exclusão do meio policial. Os brancos não o viam como igual ou como alguém digno de ocupar tal posição. Além disso, como mostra a cena, chegaram a essa conclusão sem nenhum embasamento ou motivo, apenas baseados nos traços fenotípicos que caracterizam e marcam Ron como um homem negro e, conseqüentemente, incapaz de ocupar um cargo policial. Isso é confirmado na cena seguinte, em que Flip, que apesar de judeu tinha a vantagem de ser lido socialmente como branco, fala sobre a condição de infiltrado de Ron e é prontamente ouvido pelos outros dois policiais.



Figura 9. Ron sendo rendido por dois policiais brancos enquanto tentava impedir a explosão da bomba.

Por fim, a penúltima cena ficcional do filme mostra um diálogo entre Ron e Patrice, no qual ela diz que não pode dormir com o inimigo, referindo-se a Ron, por ele ser policial. Ron conclui a história vivida até ali, dizendo que sempre quis ser policial e ainda precisa lutar pela libertação de seu povo, referindo-se ao povo negro (Figura 10). A fala do protagonista dialoga com Woodward (2012), de acordo com quem: “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2012, p. 19). Em outras palavras, é na cultura onde Ron tem a possibilidade de negociar suas identidades sem necessariamente abrir mão de nenhuma delas, e essa negociação não o torna menos autêntico, profissional ou negro.

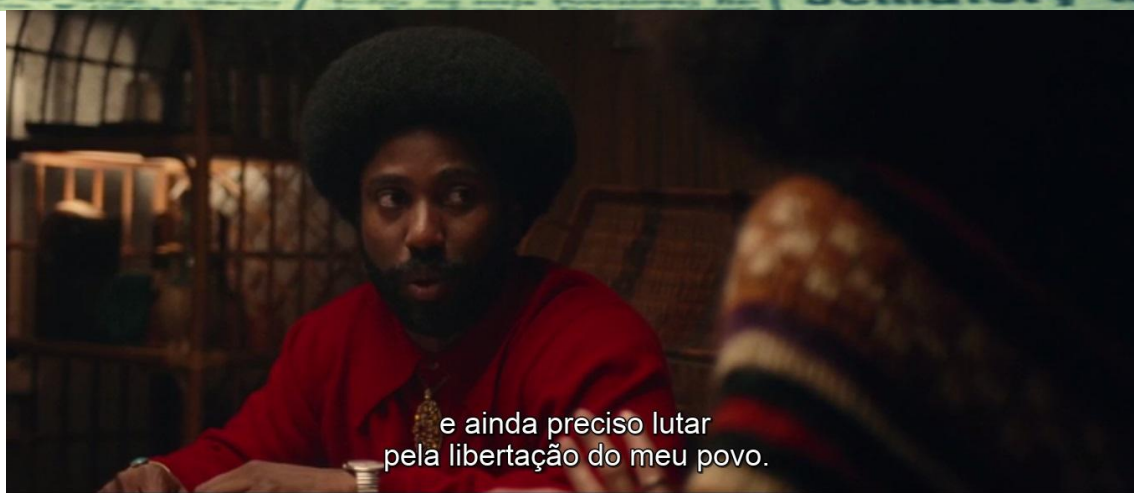


Figura 10. Diálogo entre Ron e Patrice antes dos integrantes da KKK queimarem uma cruz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, nota-se que Ron é constantemente estimulado e cobrado a tomar posição diante das situações que colocavam suas duas principais identidades em conflito, sobretudo por Patrice, que não aceitava o fato dele ser policial mesmo tendo ciência do caráter racista da polícia. Para ela, uma identidade exclui a outra, não é possível, então, ser um negro consciente da luta antirracista estando inserido num ambiente completamente tomado pelo racismo, em sua visão, como a polícia.

Observa-se que Ron tem as duas identidades questionadas constantemente: se de um lado é menosprezado por ser o primeiro policial negro daquele local, de outro, é visto como um negro não comprometido com a luta de seu povo. Então, é possível confirmar a hipótese de que Ron negocia constantemente suas duas principais identidades, a étnico-racial, vinculada à individualidade dele, e a profissional, relacionada ao meio social em que ele trabalha. A partir disso, pode-se considerar que havendo a existência de conflitos e, conseqüentemente, de luta em defesa da identidade, ocorre um fortalecimento dela. Em outras palavras, as dinâmicas identitárias são constituídas com base em confrontos, ameaças e ambiguidades, pois, sendo a identidade processual, a existência de tais conflitos se faz fundamental e necessária.

Nota-se nas cenas aqui analisadas que em nenhum momento o protagonista cogita abrir mão de uma identidade em detrimento da outra, pelo contrário, mesmo com as dificuldades em se manter coerente durante as negociações, inicialmente estritamente

personais, Ron mantém-se firme com relação a quem ele é enquanto negro e enquanto policial, relacionando sua identidade pessoal/individual e a profissional/social.

Embora não seja o objetivo principal deste trabalho, pode-se também relacionar o enredo do filme com a história do próprio diretor Spike Lee, há décadas inserido num ambiente profissional tomado por brancos, onde negros não são sequer enxergados, quanto mais valorizados. Esta situação foi exposta inclusive na fala de Lee citada na introdução deste trabalho, na qual o diretor criticou a ausência de negros, sobretudo nas premiações relacionadas à atuação. Talvez ele se veja na mesma situação de Ron Stallworth, sendo questionado tanto de um lado quanto de outro, mas tem permanecido. A permanência torna-se, então, uma forma de resistir, de continuar fiel à identidade e às lutas às quais tal identidade está ligada.

Seja nos enredos dos filmes, seja nas críticas ao Oscar, seja por meio do boicote à cerimônia, Lee demonstra seu descontentamento com a estrutura do ambiente cinematográfico em que ele trabalha, porém sem abrir mão da visibilidade e respeito conquistados ao longo dos anos de carreira. Permanece, então, coerente, relacionando e negociando sua identidade de cineasta bem sucedido e a de um homem negro, ou seja, pertencente a um espaço considerado elitizado, praticamente inalcançável, mas não ignorando o fato de que tem características e origem de um povo marginalizado pelas estruturas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGEMON, Rafael. **Por que Spike Lee ficou tão irritado com o Oscar de 'Green Book'?** Disponível em: <<https://bit.ly/2Mtwtzk>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

AGUIAR, Ione. **Spike Lee irá boicotar Oscar 2016 por falta de diversidade nas indicações.** Disponível em: <<https://bit.ly/2ZlHXeg>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34. 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10ª edição. DP&A Editora. 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio: Apicuri, 2016.

INFILTRADO na Klan. Direção de Spike Lee. Nova York: Blumhouse Productions, Monkeypaw Productions, QC Entertainment, Legendary Entertainment. 2018. 2h16.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauri, SP: EDUSC, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <<https://bit.ly/2tdEOMY>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

NAVARRO, Roberto. **Quem foram os Panteras Negras?** Super Interessante. 13 mar. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2wlZcfv>>. Acesso em: 20 set. 2019.

SANTOS, Clara. **A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional**. Revista Interações: Sociedade e as novas modernidades. 5, 8 (Abr. 2005). Disponível em: <<https://bit.ly/2KThtb2>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SANTOS, Eufrázia C. Menezes. **Resenha de O Atlântico negro**. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2ExwSM7>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

SCHWARZ, Lilia. Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SENRA, Ricardo. **'Sou nazista, sim'**: o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus. Disponível em: <<https://bbc.in/2ZksJ9r>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 12. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.